

★ COLEÇÃO MINIATURA ★

**Rainer Maria Rilke**

**HISTÓRIAS  
DO BOM DEUS  
E OUTROS CONTOS**

*tradução de*

MARIA GABRIELA CARDOTE

LIVROS DO BRASIL

## Índice

### HISTÓRIAS DO BOM DEUS

O Canto das Mãos de Deus .....	11
O Estranho .....	21
Porque É que o Bom Deus Quer que Haja Pobres .....	26
Como a Traição Chega à Rússia .....	32
Como o Velho Timofei Morreu a Cantar .....	39
A Canção da Justiça.....	47
Uma Cena no Gueto de Veneza.....	58
Aquele que Escutava as Pedras.....	66
De que modo o Dedal de Coser se Transformou no Bom Deus .....	71
Um Conto sobre a Morte e o Epílogo de uma Mão Desconhecida.....	78
Uma Associação Nascida de uma Necessidade Imperiosa..	87
O Mendigo e a Donzela Orgulhosa.....	97
Uma História Contada à Escuridão .....	104

### DOIS CONTOS DE PRAGA

O Rei Bohusch .....	121
Irmãos.....	171

EWALD TRAGY .....	225
-------------------	-----

### Os ÚLTIMOS

Conversa de Salão.....	281
O Amante.....	290
Os Últimos .....	302

## O Conto das Mãos de Deus

Numa destas últimas manhãs, encontrei a minha vizinha. Cumprimentámo-nos.

– Que outono! – disse-me depois de um silêncio e levantou os olhos para o céu.

Eu fiz a mesma coisa. A manhã estava, com efeito, límpida e deliciosa para uma manhã de outubro. Subitamente alguma coisa me acudiu ao espírito.

– Que outono! – exclamei e agitei ligeiramente as mãos.

A minha vizinha aprovou com um aceno de cabeça. Observei-a durante alguns momentos. A sua bela figura, de bom porte, ia e vinha, ligeira. Toda ela estava radiosa; havia apenas algumas pregas de sombra nos cantos da boca e nas têmporas. De onde lhe viria aquilo? E, de chofre, perguntei:

– As suas garotas?

As rugas do rosto desapareceram num segundo, e depois voltaram a juntar-se, talvez mais escuras.

– Vão bem, graças a Deus, mas...

A minha vizinha pôs-se a andar e eu comecei a caminhar à sua esquerda, como é hábito.

– Sabe, estão as duas naquela idade em que as crianças não param de fazer perguntas, de manhã à noite. Porquê, sempre, de manhã à noite?

– Sim – murmurei eu –, há uma altura...

Mas ela não se deixara perturbar:

– E não são apenas perguntas como: Para onde vai este comboio? Quantas estrelas há? Dez mil é mais do que muito? Outras coisas! Por exemplo: Deus também fala chinês?, ou então: Como é o bom Deus? Sempre sobre o bom Deus! Mas não se sabe nada sobre isso...

– Não, com efeito – aprovei eu. – Fazem-se suposições.

– Por exemplo, sobre as mãos de Deus, o que é que é preciso...

Olhei a minha vizinha de frente.

– Desculpe-me – perguntei muito educadamente –, não acaba de dizer: As mãos do bom Deus?

A minha vizinha inclinou a cabeça. Pareceu-me um pouco surpreendida.

– Sim – apressei-me a acrescentar –, é que eu tenho alguns conhecimentos sobre as mãos. – Por acaso... – voltei a acrescentar rapidamente quando vi os seus olhos arredondarem-se. – Completamente por acaso... eu... Bom – concluí resolutamente –, vou-lhe contar o que sei. Se tem um instante, acompanhá-la-ei até sua casa, será o suficiente.

– De boa vontade – respondeu ela quando enfim eu voltei a ceder-lhe a palavra –, mas não lhe parece talvez que as crianças...

– Eu? Contar eu mesmo às crianças? Não, minha cara senhora, isso não pode ser. Isso, de maneira nenhuma. Veja, eu ficaria atrapalhado se tivesse de falar diante das crianças. Isto, em si, acaba por não ser muito grave, mas as crianças, vendo a minha perturbação, poderiam supor que eu estava a mentir. E como eu acredito que a minha história é verdadeira... Aliás, não poderá a senhora repeti-la às crianças? Tanto mais que a contará muito melhor do que eu. Encadeará e ornerà o conjunto, enquanto que eu não faço mais nada senão contar os acontecimentos, com toda a brevidade possível. Não é?

– Bom, bom! – exclamou a minha vizinha distraidamente.

Eu refleti. «No início...», ia eu a dizer, mas interrompi-me imediatamente:

– Julgo que são suas conhecidas muitas coisas que eu deveria começar por contar às crianças. Por exemplo, a Criação.

Houve uma pausa bastante longa. Depois:

– Sim, e o sétimo dia?

A voz da excelente mulher era ríspida e seca.

– Um instante – disse eu –, nós queremos mesmo é pensar nos dias precedentes, pois é exatamente deles que se trata. Então, o bom Deus começou a sua obra, como sabe, criando primeiro a terra, separando-a da água e dando-lhe a luz. Depois, com uma maravilhosa rapidez, formou as coisas, quero dizer, as grandes e verdadeiras coisas, a saber: os rochedos, as montanhas, uma árvore e, sob esse modelo, muitas outras.

Desde há alguns instantes que eu sentia atrás de nós uns passos que nem nos ultrapassavam nem abrandavam. Isso perturbava-me e eu embrulhava-me nessa história da criação, prosseguindo do seguinte modo:

– Não se pode fazer uma ideia dessa atividade rápida e fecunda senão admitindo que depois de longas e profundas reflexões tudo isto se encontrava pronto na sua cabeça antes de...

Os passos estavam finalmente ao nosso lado, e uma voz desprovida de entoação colou-se ao nosso lado:

– Deve estar a falar do Sr. Schmidt, sem dúvida? Desculpe-me...

Virei-me com impaciência para a recém-chegada, mas a senhora minha vizinha parecia muito embaraçada.

– Hum... – pigarreou ela – não quer dizer, sim... estávamos justamente a falar, de alguma maneira...

– Que outono! – apressou-se a dizer a outra mulher, como se nada se tivesse passado, e a sua figurinha vermelhusca reluzia.

– Sim – ouvi eu a minha vizinha responder –, tem razão, Sr.<sup>a</sup> Hupfer, este outono vai muito bonito.

Depois as mulheres separaram-se. A Sr.<sup>a</sup> Hupfer disse ainda:

– Lembranças às pequenas, se faz favor.

A minha boa vizinha já não a escutava; estava curiosa de conhecer a minha história. Mas eu, com uma crueldade incrível, afirmei:

– Agora já não sei onde é que tínhamos ficado.

– Estava mesmo a dizer alguma coisa acerca da cabeça, quer dizer...

A minha vizinha pôs-se toda vermelha.

Fazia-me realmente pena e eu apressei-me a contar:

– Sim, compreenda, enquanto não tivesse formado senão coisas, o bom Deus não tinha necessidade de olhar continuamente para a terra. Nada se poderia passar. Sem dúvida, o vento percorria já as montanhas, tão semelhantes às nuvens que já conhecia há tanto, mas evitava ainda os cumes das árvores com uma certa desconfiança. E o bom Deus estava muito contente. Tinha feito as coisas, de algum modo, a dormir. Mas criar os animais já tinha sido um trabalho interessante: debruçava-se para baixo e franzia apenas de vez em quando as suas espessas sobrancelhas para deitar um olhar à terra. Esqueceu tudo isto completamente quando criou o homem. Não sei exatamente em que parte do corpo ia quando sentiu ao seu redor um batimento de asas. Passou um anjo que cantava: «Oh tu, que vês tudo...»

«O bom Deus ficou com medo. Tinha induzido o anjo no pecado, pois ele acabava de cantar uma mentira.

Rapidamente o Deus Pai olhou para a terra. Com efeito, ali, tinha-se produzido algo difícil de reparar. Um passarito errava daqui para ali, como se estivesse com medo, e o bom Deus não era capaz de lhe mostrar o caminho de volta, pois não tinha visto de que floresta tinha saído o pobre animalzito. Zangou-se e disse:

«– Os pássaros têm que ficar no lugar onde eu os coloquei.

«Mas lembrou-se então que, sob as instâncias dos anjos, tinha emprestado asas aos pássaros para que, também sobre a terra, houvesse algo que se assemelhasse aos anjos e esta circunstância tornou o seu humor ainda mais desagradável. Mas para tais estados de alma não há melhor remédio do que o trabalho. E, completamente absorvido pela construção do homem, Deus reencontrou rapidamente a sua alegria. Tinha diante de si os olhos dos anjos, como se fossem espelhos; media os seus traços e, numa bola pousada sobre o seu colo, esculpia lentamente e com cuidado o primeiro rosto. A testa tinha saído bem. O mais difícil era tornar simétricas as duas narinas. Debruçava-se cada vez mais sobre o seu trabalho, até que de novo sentiu um sopro por cima dele. Levantou a cabeça. O mesmo anjo esvoaçava à sua volta; desta vez não se ouvia nenhum hino, pois a voz da criança tinha expirado com a sua mentira, mas, na sua boca, Deus reconheceu que ele cantava ainda: “Oh tu, que vês tudo.” Ao mesmo tempo, S. Nicolau, que usufrui da estima particular de Deus, aproximou-se dele e disse-lhe através da sua longa barba:

«– Os teus leões mantêm-se tranquilos, são criaturas muito orgulhosas, devo-te dizer. Mas anda ali um cãozito a saltar na beira da terra, é um fox terrier, olha, daqui a pouco vai cair lá abaixo.

«Com efeito, o bom Deus viu dançar uma coisita clara e branca como um toco de vela, na região da Escandinávia,

ali onde a terra é já tão perigosamente arredondada. E zangou-se a sério e respondeu a S. Nicolau que, se os leões não lhe agradavam, só tinha que criar outros para seu próprio uso. Depois disto, S. Nicolau deixou o céu batendo com a porta, o que fez cair uma estrela, mesmo em cima da cabeça do fox terrier.

«Eis que o desastre estava completo, e o bom Deus tinha de se confessar o único responsável por tudo. Decidiu não tornar a afastar o olhar da terra. E assim foi. Confiou todo o trabalho às suas mãos, que afinal continham sabedoria, e mesmo estando muito curioso de saber qual era o aspeto do homem, olhava fixamente a terra, onde, como que para o desafiar, não havia uma única folha a bulir. Para poder sentir ao menos uma ténue alegria depois de todo aquele sofrimento, Deus tinha ordenado às mãos que lhe mostrassem o homem antes de o deitarem para a vida. Pediu diversas vezes, como as crianças que brincam às escondidas: “Já está?” Mas a única resposta que obtinha eram as suas mãos que continuavam a moldar, e ele continuava à espera. O tempo parecia-lhe longo. De repente viu cair alguma coisa através do espaço: era escuro e parecia ter caído perto dele. Tomado por um mau pressentimento, chamou as mãos. Elas apareceram, cobertas de barro, quentes e trémulas.

«– Onde está o homem? – gritou.

«A direita atirou-se à esquerda.

«– Foste tu que o deixaste.

«– Por favor – replicou a esquerda, irritada –, não quise fazer o mesmo, sem me deixares dizer uma palavra?

«– Justamente. Tu devias tê-lo segurado.

«E a direita estava já a tomar balanço. Mas refletiu, e as duas mãos disseram, ajudando-se uma à outra:

«– Ele estava tão impaciente, o homem ... Quería viver

imediatamente... Nós não pudemos fazer nada... Certamente que estamos as duas inocentes.

«Mas o bom Deus estava mesmo cansado. E afastou as duas mãos que lhe tapavam a vista da terra:

«– Já não vos conheço. Façam o que quiserem.

«E as mãos começaram logo a tentar, mas não conseguiam senão começar o que queriam fazer. Sem Deus, nada podia ser acabado. E acabaram por ceder. Agora estão ajoelhadas de manhã à noite e fazem penitência; pelo menos é o que se diz. Mas nós cremos que Deus não descansa apenas porque está zangado com as mãos. É ainda o sétimo dia que dura.»

Calei-me por um instante. A minha vizinha aproveitou, com bom senso, este silêncio:

– Acha que nunca mais se reconciliarão?

– Não, acho que um dia isso acontecerá. Pelo menos assim o espero.

– E quando será isso?

– Parece-me que talvez no dia em que Deus conhecer o aspeto do homem que as suas mãos deixaram cair contra sua vontade.

A minha vizinha refletiu e depois soltou uma risada:

– Mas bastar-lhe-ia ter olhado para baixo.

– Queira desculpar – respondi eu gentilmente –, o seu comentário denota um espírito muito subtil mas a minha história ainda não acabou. Pois então, a partir do momento em que as mãos desapareceram e Deus pôde, de novo, dominar a terra com o seu olhar, passara um minuto, digamos: um milénio, o que, sabemos-lo bem, vai dar no mesmo. Em vez de um homem havia um milhão. Mas estavam já todos vestidos. E como a moda de então era muito feia, Deus fez uma ideia muito fraca dos homens e, não quero dissimulá-lo, muito desfavorável.

– Hum ... – murmurou a vizinha que queria dizer alguma coisa.

Mas eu fiz de conta que não tinha dado por nada e concluí com uma entoação mais acentuada:

– Eis a razão por que é indispensável e urgente que Deus aprenda como é, na realidade, o homem. Alegremo-nos que existam ainda alguns para lho dizer ...

Mas a senhora minha vizinha não se sentia ainda feliz:

– E quem?

– Muito simplesmente as crianças e, de tempos a tempos, os homens que pintam, os que escrevem poesias, os que constroem ...

– Constroem, o quê? Igrejas?

– Sim, e tudo o mais, em geral.

A minha vizinha abanou a cabeça lentamente. Havia mais do que uma coisa que lhe parecia estranha. Já tínhamos passado a sua casa e estávamos agora a voltar para trás, lentamente. Subitamente, algo a divertiu e ela riu-se:

– Mas é estúpido, tudo isso, uma vez que Deus sabe tudo. Por exemplo, ele deveria saber exatamente de onde tinha vindo o passarito.

Olhou-me por instantes com um ar de triunfo. Eu estava um pouco perturbado, confesso. Mas quando me recompus, consegui mostrar um semblante infinitamente grave:

– Minha cara senhora – ensinei-lhe –, trata-se, na verdade, de uma história fora do comum. Mas para que não julgue que a minha resposta é apenas um pretexto – ao que ela se defendeu naturalmente, com veemência – quero-lhe dizer duas palavras: Deus tem todas as qualidades, naturalmente. Mas antes de as poder aplicar no mundo apareciam-lhe todas como uma única e imensa força. Não sei se me estou a fazer entender. Mas na presença das coisas, as suas faculdades

especializaram-se e tornaram-se, de certa maneira, deveres. Ele não conseguia retê-los todos. Por essa mesma razão é que há conflitos. Aqui entre nós, isto estou eu a dizer-lhe, não o repita às crianças.

– Em que é que está a pensar? – perguntou ela.

– Repare, se tivesse passado um anjo a cantar: «Tu, que sabes tudo» era evidente que tudo teria corrido bem.

– E esta história não teria fundamento?

– Certamente – confirmei eu, pretendendo ir-me embora.

– Tem a certeza de tudo isso?

– Absolutamente – respondi eu quase solenemente.

– Então hoje já tenho o que contar às crianças.

– Gostaria bastante que o fizesse. Até logo, minha senhora.

– Até logo – respondeu ela.

Depois, virou-se ainda uma vez mais para mim:

– Mas porque será que aquele anjo...

– Minha cara vizinha – interrompi –, agora vejo que as suas duas garotas não põem tantas perguntas só porque são crianças...

– Mas...? – insistiu ela, curiosa.

– Sim, os médicos afirmam que alguns defeitos se transmitem...

A senhora minha vizinha ameaçou-me com o dedo. Mas separámo-nos amigos como dantes.

Quando mais tarde – aliás, ao fim de bastante tempo – encontrei de novo a minha querida vizinha, ela não estava sozinha e eu não lhe pude perguntar se ela tinha contado a minha história às miúdas ou não, e se tinha obtido algum êxito. Veio-me tirar desta dúvida uma carta que eu recebi pouco depois.

Como o seu autor não me autorizou a publicá-la, eu limito-me a contar como é que ela acabou e concluir-se-á imediatamente de onde provinha. Termina do seguinte modo: «Eu, e mais cinco crianças, quer dizer, contando comigo.»

Respondi, na volta do correio, do seguinte modo:

«Acredito, queridas crianças, que o meu conto sobre as mãos do bom Deus vos tenha agradado; a mim também me agrada. Mas é impossível eu ir até vossa casa. Não me queiram mal. Quem sabe se eu vos agradaria? Eu tenho um nariz muito feio e se me nascesse uma borbulha na ponta, como acontece muitas vezes, vocês passariam o tempo a olhar para a borbulha admirados e não ouviriam nada do que vos estivesse a contar. Talvez chegassem mesmo a sonhar com ele e isso não vos faria bem nenhum. Proponho-vos, pois, outra solução. Nós possuímos, à parte a vossa mãe, um grande número de amigos comuns, que não são crianças. Sabereis facilmente quais. A eles, eu contarei uma história de tempos a tempos, e através desses intermediários conhecê-la-eis sempre mais bela do que eu alguma vez a poderia contar. A verdade é que há muitos poetas entre os nossos amigos. Não vos direi qual o assunto das minhas histórias, mas como nada vos interessa tanto como o bom Deus, prometo-vos que de cada vez introduzirei o que souber acerca dele. Se alguma coisa que eu vos disser não estiver correta, escrevam-me de novo uma linda cartinha, ou façam-mo saber através da vossa mamã. É muito possível que eu me engane mais do que uma vez, porque já foi há muito tempo que eu ouvi essas belas histórias e também porque, depois disso, fui obrigado a memorizar muitas coisas que não são nada bonitas. Essas coisas também acontecem, ao mesmo tempo que a vida. No entanto, a vida é uma coisa maravilhosa: disso tratarei também nas minhas histórias. E assim me despeço. – Eu que sou mais um, contando convosco.»